ANPEGE

Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia

REVISTA DA ANPEGE

ISSN 1679-768X

VOLUME 19

N. 39 (2023)

30 ANOS ANPEGE

DOI: 10.5418/RA2023.V19I39.17502

REVISTA DA ANPEGE | v. 19 nº. 39 (2023) | e-issn: 1679-768x

POR RUAS E PRAÇAS DO SETOR TRADICIONAL DE PLANALTINA, DISTRITO FEDERAL

Through streets and squares in the traditional sector of Planaltina, Federal District

Por calles y plazas en el sector tradicional de Planaltina, Districto Federal

OZIMO MENDONÇA NETO
Universidade Estadual de Goiás (UEG)

JEAN CARLOS VIEIRA SANTOS
Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Resumo: Ao abordar o Setor Tradicional de Planaltina, no Distrito Federal, este artigo objetiva não apenas caracterizar e descrever essa região enquanto forma, como também a enxergar e perceber pelos movimentos, funções, evolução histórica, crescimento urbano e usos. Isso será feito em consonância a uma abordagem qualitativa com foco na observação direta e na análise de registros fotográficos, dados secundários e referencial teórico. Dessa forma, os percursos metodológicos percorridos até a construção deste manuscrito foram: a) levantamento de referencial teórico e documental; b) escolha dos sujeitos e universo da pesquisa; c) trabalhos de campo e observação direta; d) mapeamento e espacialização da área de estudo. Entre os principais resultados apresentados estão o mapa de expansão urbana do Setor Tradicional, as observações dos contrastes entre as edificações modernas e as áreas onde estão os principais monumentos, bem como a história da referida cidade e da invasão da esfera pública pela privada.

Palavras-chave: Praça Padre Antônio Marcigaglia. Paisagem. Percurso Turístico. Transformações. Sujeitos.

Abstract: By approaching the Traditional Sector of Planaltina, in the Federal District, this article aims not only to characterize and describe this region as a form, but also to see and perceive it through movements, functions, historical evolution, urban growth, and uses. This action will be done in line with a qualitative approach focused on direct observation and analysis of photographic records, secondary data and theoretical framework. In this way, the methodological paths followed until the construction of this manuscript were: a) survey of theoretical and documental references; b) choice of subjects and research universe; c) field work and direct observation; d) mapping and spatialization of the study area. Among the main results presented are the map of urban expansion of the Traditional Sector, observations of the contrasts between modern buildings and areas where the main monuments are located, as well as the history of that city and the invasion of the public by the private sphere.

Keywords: Priest Antônio Marcigaglia Square. Landscape. Tourist Route. Transformations. Subjects.

Resumen: Al abordar el Sector Tradicional de Planaltina, en el Distrito Federal, este artículo pretende no solo caracterizar y describir esta región como una forma, sino también ver y percibir a través de movimientos, funciones, evolución histórica, crecimiento urbano y usos. Esto se hará de acuerdo con un enfoque cualitativo centrado en la observación directa y el análisis de registros fotográficos, datos secundarios y marco teórico. De esta forma, los caminos metodológicos seguidos hasta la construcción de este manuscrito fueron: a) levantamiento de referencias teóricas y documentales; b) elección de temas y universo de investigación; c) trabajo de campo y observación directa; d) mapeo y espacialización del área de estudio. Entre los principales resultados presentados se encuentran el mapa de expansión urbana del Sector Tradicional, observaciones de los contrastes entre las edificaciones modernas y las zonas donde se ubican los principales monumentos, así como la historia de esa ciudad y la invasión de la esfera pública por parte de la privada. esfera.

Palabras clave: Plaza Padre Antônio Marcigaglia. Paisaje. Ruta Turística. Transformaciones. Asignaturas.

INTRODUÇÃO

Na maioria das vezes, a organização e a percepção do espaço geográfico são indicadas por meio de documentos cartográficos. Ao longo do tempo, tais representações foram classificadas de acordo com diferentes nomenclaturas, conforme os padrões artísticos evidenciados anteriormente – aqui eram consideradas desde as pinturas que serviam como quadros para decoração até os documentos de grande valor estratégico. Essas produções, inclusive, são (re)produzidas em telas digitais de computadores, *smartphones* e outros aparelhos eletrônicos.

Para Harvey (2009), as diferentes escalas espaciais são produzidas pelos seres humanos em uma hierarquização pautada na forma de organizar suas atividades e perceber o ambiente no qual estão inseridos. Para compreender a problemática de um dado recorte espacial, torna-se imprescindível mergulhar em uma análise do tempo-espaço e nas relações sociais reproduzidas nessas localidades.

Nesse contexto, o Setor Tradicional da Região Administrativa (RA) de Planaltina, localizado no Distrito Federal, será o nosso recorte espacial e o objeto de estudo de caso deste artigo. Segundo a última versão do Projeto de Lei (PL) do Plano Diretor Local (PDL)[1] de 2017, a área urbana da referida RA está dividida em duas categorias: a Zona Urbana de Consolidação[2] e a de Uso Controlado[3]. Dessa forma, a Zona Urbana de Consolidação de Planaltina/DF compreende os seguintes setores (Quadro 1):

Quadro 1 – Setores da Zona Urbana de Consolidação de Planaltina/DF

Setor	Descrição
Setor Tradicional	Subdividido em Setor Tradicional Central, Norte e Sul.
Setores Hospitalar, de Educação, de Comércio Central, de Hotéis e Diversões, Administrativo, Recreativo e Cultural	Denominados Centro Urbano.
Vila Vicentina	--

1 O art. 316 da Lei Orgânica do Distrito Federal (DISTRITO FEDERAL, 1993) – atualizado até a Emenda à Lei Orgânica n. 118, de 25 de maio de 2020 (DISTRITO FEDERAL, 2020) –, menciona que o DF terá, como instrumento básico das políticas de ordenamento territorial e de expansão e desenvolvimento urbanos, o Plano Diretor de Ordenamento Territorial do Distrito Federal e, como instrumentos complementares, a Lei de Uso e Ocupação do Solo e os Planos de Desenvolvimento Local, conforme o Plano Diretor Local da RA de Planaltina/RA-VI.

2 Nessa área, segundo o art. 15 do PL, a ocupação deve ser para: "I – o incentivo às atividades de turismo, lazer, cultura e educação por meio de parcerias com o setor privado; II – a capacidade de suporte dos corpos hídricos; III – o reforço à autonomia e revitalização da centralidade da cidade; IV – a flexibilização e a diversificação de usos na consolidação das funções urbanas; V – a ocupação das áreas ociosas com disponibilidade de infraestrutura; VI – a viabilidade de abastecimento de água" (DISTRITO FEDERAL, 1993; 2020).

3 A Zona Urbana de Uso Controlado compreende, segundo o art. 28 do PL: "I – setores e áreas regularizadas; II – setores que deverão ser objeto de estudo urbanístico; III – áreas com possibilidade de parcelamento; IV – setores e áreas objeto de Projetos Especiais de Urbanismo; V – Zona Tampão" (DISTRITO FEDERAL, 1993; 2020).

Setor	Descrição
Setor Residencial Leste (SRL), Quadras 1 a 6	Conhecido como Buritis I.
Setor Residencial Leste (SRL), Quadras 10 e 20	Denominado Buritis II.
Setor Residencial Leste (SRL), Quadras 11 a 17	Denominado Buritis III.
Setor Residencial Norte A (SRN A)	Conhecido como Jardim Roriz.
Setor Residencial Norte 1	Denominado PAPE.
Setor Residencial Oeste (SRO)	Nomeado por Vila Nossa Senhora de Fátima.
Setor de Oficinas, Áreas Especiais Norte (AEN), Cemitério Santa Rita e Setor de Desenvolvimento Econômico	--

Fonte: Elaborado pelo autor, com base no Projeto de Lei do PDL de Planaltina/DF (2022).

Dentre as áreas ora mencionadas, há o Setor Tradicional[4] de Planaltina/DF (Quadro 1), recorte espacial da pesquisa, também conhecido como núcleo inicial, que ainda hoje é citado pelos moradores locais como “Planaltina”. Ele é constituído pela

> Área de Interesse de Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural, composta pela poligonal traçada pelas seguintes vias: Avenida Hugo Lobo, entre a Rua 13 de Maio e a Rua Eugênio Jardim, Rua Eugênio Jardim, entre a Avenida Hugo Lobo e a Rua 1º de Junho, Rua 1º de Junho, entre a Rua Eugênio Jardim e a Rua Benjamim Constant, Rua Benjamim Constant, entre a Rua 1º de Junho e a Avenida Maranhão, Avenida Maranhão, entre a Rua Benjamim Constant e a Rua Padre Jurandir Ribeiro, Rua Padre Jurandir Ribeiro, Rua Salvador Coelho, entre a Rua Padre Jurandir Ribeiro e a Rua 13 de Maio, Rua 13 de Maio, entre a Avenida Salvador Coelho e a Avenida Hugo Lobo (Distrito Federal, 2017, p. 7).

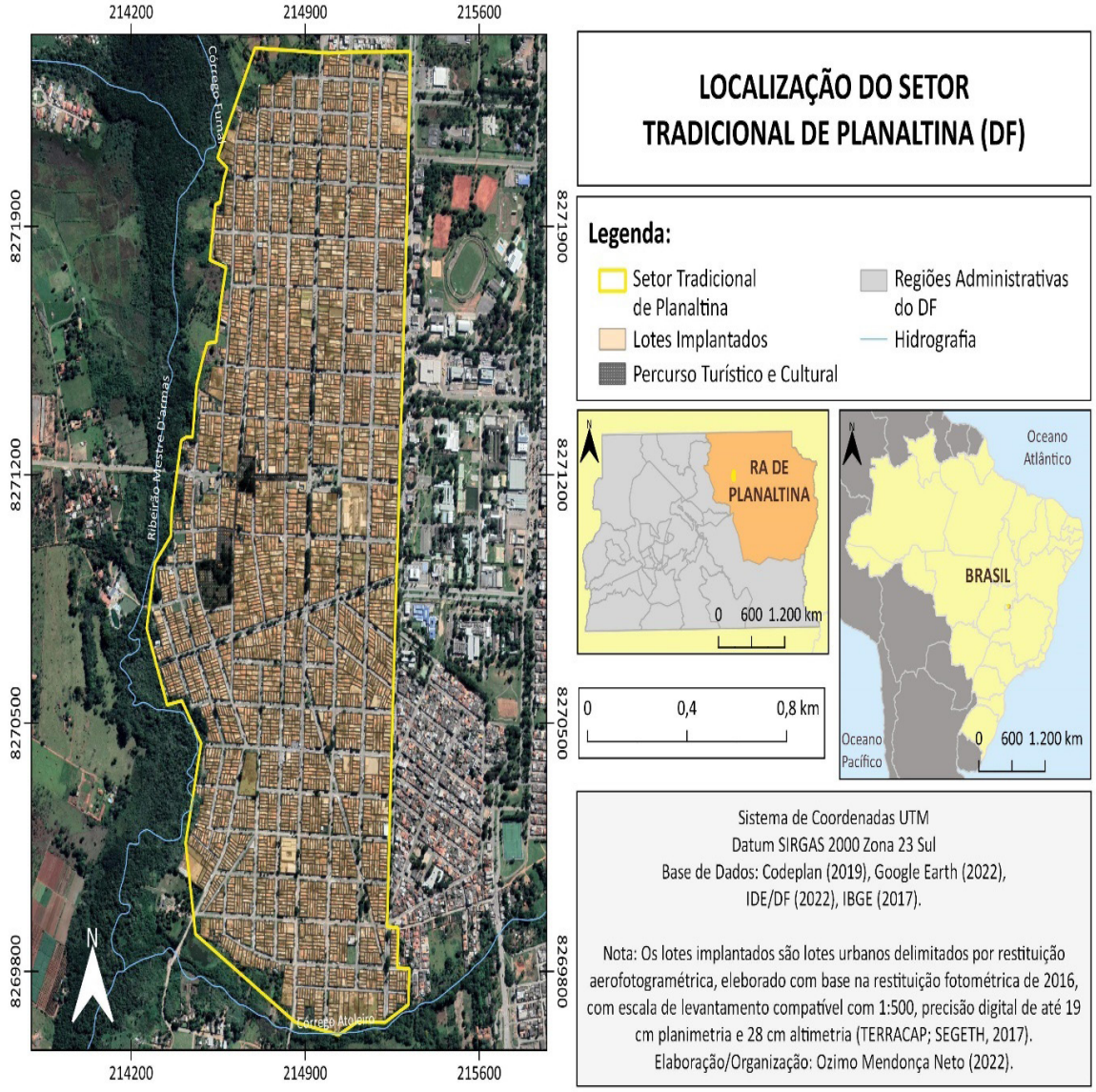
Nesse lugar está localizado o Eixo Histórico, que compreende os trechos da Rua Salvador Coelho e da Avenida Goiás (onde se situam as Praças São Sebastião de Mestre D’Armas, Coronel Salviano Monteiro Guimarães e Antônio Marcigaglia) até a Avenida Independência, na qual estão presentes as principais quadras comerciais do referido setor.

O Setor Tradicional de Planaltina/DF, além de sua história, refúgios, lamúrias, ruas, praças, setores, festejos e celebrações, provoca em nós um resgate de algo visível ou do que se passa na invisibilidade do dia e da noite, seja na chuva ou no sol escaldante. Diante disso, Santos (2004) arrazoa que, quando nos colocamos diante de uma paisagem, podemos interagir com ela, conhecer a nós mesmos e percebê-la por meio de nossos sentidos.

4 Segundo Saraiva (2013), o núcleo urbano inicial de Planaltina ganhou tal nomenclatura posteriormente à expansão da cidade, com ampliação a partir de 1965. Naquele ano, o administrador da referida RA era Paulo Coelho, arquiteto local.

Dessa forma, sublinhamos que Planaltina/DF é uma área predominantemente rural, mas dispõe de uma mancha urbana que vislumbra a modernidade e a paisagem de um passado pós-colonial, sertanejo e cerradense, a qual marca o início de rios e bacias importantes para o território brasileiro e a história de uma nação. Assim, este estudo objetiva não apenas caracterizar e descrever o Setor Tradicional enquanto forma, como também enxergar e perceber esse subespaço pelos seus movimentos, funções, evolução histórica, crescimento urbano e usos.

Figura 1 – Mapa de localização do Setor Tradicional de Planaltina/DF



Fonte: Ozimo Mendonça Neto (2022).

Nesse contexto, o presente estudo[5] segue uma abordagem qualitativa com foco na observação direta e na análise de registros fotográficos e dados secundários, além do referencial teórico. Os estudos de casos seguem uma linearidade e, para o alcance dos objetivos de investigação, são traçadas metas que compõem procedimentos teóricos, técnicos e cartográficos. Dessa forma, os percursos metodológicos percorridos até a construção deste manuscrito foram:

a) levantamento de referencial teórico e documental;

b) escolha dos sujeitos e do universo da pesquisa;

c) trabalhos de campo e observação direta;

d) mapeamento e espacialização da área de estudo.

Reafirmamos, pois, que os percursos traçados para o desenvolvimento deste trabalho foram embasados na perspectiva qualitativa que, para Ramires e Pessôa (2013, p. 25), contempla o

> [...] reconhecimento da existência de uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, de uma interdependência viva entre sujeito e objeto e de uma postura interpretativa, constituindo-se como um campo de atividade que possui conflitos e tensões internas.

A relação e a problemática apontada por esses autores abarcam o mundo real e seus sujeitos, e, neste artigo, tal posicionamento se refere ao Setor Tradicional como uma particularidade do todo. Essa relação se torna complexa pelo fato de as percepções extraídas gerarem linhas de pensamento e análises diversas.

Outro estudioso da pesquisa qualitativa é Chizzotti (2003), sobretudo no tocante à evolução da metodologia, sua abrangência e às críticas recebidas por ela. Após quase duas décadas, as ciências humanas e sociais ainda são as principais detentoras da abordagem qualitativa, a qual tem assumido

> [...] tradições ou multiparadigmas de análise, derivadas do positivismo, da fenomenologia, da hermenêutica, do marxismo, da teoria crítica e do construtivismo, e adotando multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre, e enfim, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar que as pessoas dão a eles (Chizzotti, 2003, p. 221).

Em alguns momentos, a pesquisa apresenta características de um estudo pragmático voltado ao positivismo, devido à riqueza de detalhamento promovida por meio da observação direta e descrição, além dos recursos utilizados para a análise do recorte espacial escolhido como ponto de partida para o nosso estudo de caso. De acordo com Souza (2013, p. 57-58), o estudo de caso é uma metodologia interessante, pois "[...] privilegia a análise minuciosa e profunda de um ambiente ou sujeito particular. Nesse tipo

5 Este trabalho apresenta também resultados do projeto de pesquisa financiado pela Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade Estadual de Goiás (PrPUEG): "Geografia do Turismo no Cerrado: análises de destinos e cidades em Goiás".

de pesquisa, é importante a apreensão completa do fenômeno em estudo, considerando suas dimensões, multiplicidades e divergências".

Quanto ao trabalho cartográfico, ao mapeamento e à espacialização, cabe sublinhar que os Sistemas de Informações Geográficas (SIGs) são relevantes para a análise, produção e interpretação de dados geoespaciais no que se refere a delimitação, espacialização e verificação da área de estudo. Vale ressaltar que a maioria das informações foi coletada na página oficial da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Habitação do DF (SEDUH/DF)[6], vinculados à plataforma Geoportal[7].

Para a produção das representações cartográficas, utilizamos o *software* livre QGIS Desktop versão 3.16.9 (anteriormente Quantum GIS), para espacialização de imagens de satélites, e, posteriormente, a confecção de mapas temáticos do recorte espacial, com base em dados secundários no georreferenciamento dos pontos de GPS disponíveis na página do Geoportal e no inventário do Setor Tradicional produzido pelo Iphan (2012), além da compatibilização das escalas de mapas e imagens para escala de trabalho para região (1:15.000). A partir do percurso metodológico apresentado, seguiremos com a descrição do Setor Tradicional de Planaltina/DF.

Pelas praças e ruas: reflexão teórica preliminar

Para Costa e Steinke (2013, p. 165), as cidades históricas brasileiras são classificadas como cenários produzidos a partir de uma "[...] ideologia espacial da consagração da própria nação, onde o território foi assimilado apartando-se aqueles que, historicamente, o habitavam e produziram em germe". Nesse ínterim, o Setor Tradicional de Planaltina/DF, enquanto primeiro núcleo urbano, foi importante para a (trans)formação histórica da atual RA do referido município.

Esses espaços apresentam lugares, paisagens diversas e objetos-símbolos (compostos por cores, traços e ângulos únicos), como ruas, praças, casarões, imóveis reconhecidos como bens pelo Estado e, sobretudo, pela comunidade local. Tais elementos fazem parte da história de uma cidade que, ao longo do tempo, tem sofrido diversas transformações, principalmente quando esses espaços não são preservados ou compreendidos como parte da identidade cultural de determinada sociedade.

Vale ressaltar que o conceito de praça não será considerado apenas para fins públicos e coletivos, mas também individuais e com valor, como asseveram Santos e Souza Júnior (2013, p. 365):

> Existe um equívoco na compreensão da praça como um espaço público, na medida em que seu uso acaba sendo condicionado por diversos fatores inerentes a diferentes relações e interesses sociais. Para as pessoas que a utilizam apenas como via de acesso, a praça, ou o que esta pode fornecer em termos de atratividade, é bem menos importante

6 Disponível em: https://www.seduh.df.gov.br/. Acesso em: 1o mar. 2023.

7 Disponível em: https://www.geoportal.seduh.df.gov.br/geoportal/. Acesso em: 1º mar. 2023.

> do que para outras pessoas que se habituaram a utilizá-la diariamente como lazer. Para aquelas que comercializam nesse local, ela adquire um valor de troca, e não de uso, pois essas pessoas não se encontram preocupadas (ou em condições) de usá-la como espaço de lazer.

Para Santos e Santos (2016, p. 35), a praça é definida como "parte de um conjunto de relações impregnadas no cotidiano às quais o sujeito pode se entregar de livre vontade, seja para se divertir, recrear ou, ainda, praticar sua devoção e fé. A participação social é, de fato, voluntária ou motivada por vínculos familiares". Ainda sobre essa reflexão, nem sempre as relações sociais propiciam condições para o uso coletivo; logo, tais lugares apresentam um

> [...] uso condicionado a determinado segmento da sociedade, o qual é responsável pela criação de territorialidades voltadas para esse condicionamento. Dessa forma, embora na aparência seja de fato um espaço público, este passa a ser restrito ou privado a alguns grupos que coordenam o uso e as territorialidades nesse local. [...] Não é apenas a forma que dá o significado ao objeto, mas também sua função, seu valor de uso [...] (Santos; Souza Júnior, 2013, p. 365).

Ruas e avenidas seguem os mesmos preceitos, posto que nem sempre são utilizadas como locais públicos e/ou coletivos, e sim como caminhos, trajetos, pontos de ligação entre quadras, esquinas, blocos, conjuntos, setores ou cruzamentos utilizados pelos seres humanos, animais e diferentes veículos, acompanhadas de calçamento com (ou sem) acessibilidade, pavimentadas ou em chão batido. Nesses termos, valorizar os recursos sociais e culturais "[...] é conservar a autenticidade de elementos e manifestações que caracterizam profundamente paisagens, lugares e territórios" (Santos, 2021, p. 97).

Como sinônimo de lugar, o local é denominado como Setor Tradicional. Ele possui complexidade e diversos graus de significados expressos em poemas, poesias, livros, jornais e, atualmente, nas mídias sociais. Para Cosgrove (2004, p. 93), geógrafo britânico e estudioso da Geografia Cultural, todo local "[...] é um lugar simbólico, onde muitas culturas se encontram e talvez entrem em conflito [...]".

O conceito de lugares simbólicos de Cosgrove (2004) está pautado na ideia de que a Geografia está em toda parte e pode ser considerada apenas a partir do olhar do geógrafo. Para nós, esses lugares podem ser abordados de acordo com três termos/categorias de análise: a paisagem, a cultura e o simbolismo.

A primeira categoria é compreendida a partir da percepção humana ou, como salienta o autor britânico, a partir da "maneira de ver" o mundo externo, conforme uma "cena" restrita a determinada "unidade visual" composta por diversos elementos harmoniosos. Suas implicações são propostas da seguinte maneira:

> I – as ruas, as praças, as quadras, os setores e os bairros de Planaltina/DF são "[...] as formas visíveis de nosso mundo, sua composição e estrutura espacial" (Cosgrove, 2004, p. 99);
>
> II – os rios, os morros, a pedologia local, o clima, o cerrado etc. são "[...] unidade, coerência e ordem ou concepção racional do meio ambiente" (Cosgrove, 2004, p. 99); e

III – as manifestações culturais, as relações sociais, as organizações políticas e partidárias e o comércio compõem "[...] a ideia de intervenção humana e controle das forças que modelam e remodelam [...]" (Cosgrove, 2004, p. 99) a própria paisagem planaltinense.

Por sua vez, a segunda categoria permeia os fenômenos não visíveis e a paisagem concreta. Para Cosgrove (2004, p. 101), a cultura é "[...] um conjunto de práticas compartilhadas comuns a um grupo humano em particular, práticas que foram aprendidas e transmitidas através de gerações [...]". Esse autor reitera que as "[...] transformações na cultura vêm de mudanças, rápidas ou lentas, em sua prática, no ato de reprodução cultural [...] e ao mesmo tempo", determinadas por e determinantes "da consciência e das práticas humanas" (*idem*).

As paisagens possuem significados simbólicos e se originam da cultura de um povo. Casarões, praças e ruas do Setor Tradicional de Planaltina/DF possuem significado simbólico, e neles se expressa a cultura planaltinense ao longo de quase dois séculos, se considerarmos apenas os primeiros registros oficiais disponíveis nos arquivos públicos (Cosgrove, 2004). Com o passar do tempo se reconfiguram novos lugares e paisagens, cuja reprodução é considerada uma imaginação do espaço total representado sobre uma superfície. Evidentemente, a localização é importante e a separação do dito "lugar local" em relação ao espaço externo corresponde a mecanismos para controlar o desafio da espacialidade (Massey, 2012).

Dificilmente compreendemos a organização do espaço geográfico e as ações realizadas pelos seres humanos sobre ele, por alterarem suas características físicas e biológicas com o desenvolvimento das atividades econômicas, das relações sociais e das mídias sociais. A percepção do espaço é uma tomada de consciência do ambiente pelo ser humano, ou seja, o ato de perceber o ambiente no qual está inserido e como será reproduzido de fato (Fernandes *et al.*, 2009).

Ademais, Santos e Clemente (2017) definem a rua pelo cotidiano, em que faz parte da história da sociedade local não apenas pelos aspectos econômicos e políticos, mas também por ser referência de chegada e partida da cidade; paisagem repleta de conteúdos e densidades que produz efeitos sobre o individual e coletivo do lugar; e espaço que deve ser compreendido a partir de relações que implicam custo, tempo, comércio e valorização histórica. A rua é, portanto, um campo fértil para novas abordagens e diálogos.

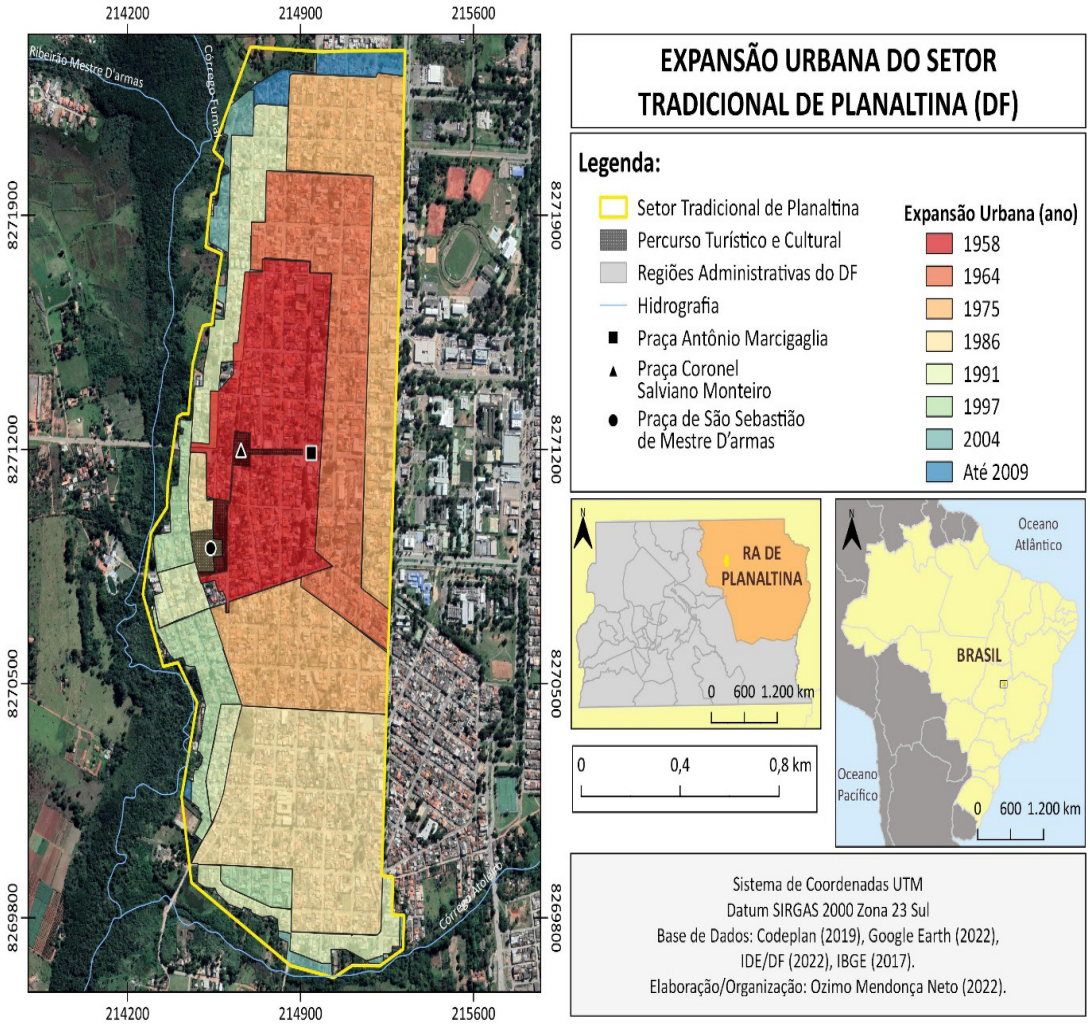
Setor Tradicional de Planaltina/DF: olhares, observações e contextos geográficos

Em meados da década de 1950, tal localidade recebeu grande parte dos primeiros migrantes que se instalaram no local para a construção da atual capital do Brasil, Brasília. Com isso, o núcleo urbano que existia em Planaltina/DF, sobretudo na área denominada atualmente como Setor Tradicional, tem sua primeira expansão associada à influência cultural e à hibridação com a típica tradição interiorana de Goiás (Depha, 1998).

Segundo Eleutério (2013), antes da inauguração da atual capital do Brasil, ainda na gestão do prefeito Veluziano Antônio da Silva, iniciou-se a primeira expansão do núcleo original, na qual surgiram as Avenidas Gomes Rabelo, São Paulo e Independência, bem como os Setores Sul e Norte. Naquele período, o Setor Tradicional abrangia "[...] desde a rua 1º de Junho até a rua Hugo Lobo, no sentindo a avenida Floriano Peixoto, no sentido Leste-Oeste, e, desde a rua Sergipe até a avenida Floriano Peixoto, no sentido norte-sul, além de algumas ruas da Vila Vicentina [...]" (Depha, 1998, p. 15).

Essa descrição é ilustrada na Figura 2, com destaque para a cor vermelha no mapa, onde estão localizadas algumas residências tradicionais e grande parte do Centro Histórico de Planaltina/DF, o qual foi tombado pelo governo do Distrito Federal em 1982. Em meados da década de 1960, novos bairros operários surgiram para compor a moradia definitiva dos trabalhadores que edificaram a capital brasileira – a leste do Setor Tradicional, inclusive, foi criada a Vila Buritis, também conhecida como Setor Residencial Leste, que abriga os Bairros Buritis I, II, III e IV (Saraiva, 2013).

Figura 2 – Mapa da expansão urbana do Setor Tradicional de Planaltina/DF



Fonte: Ozimo Mendonça Neto (2022).

É notório que a criação de novos setores propôs, à RA de Planaltina/DF, a condição de modernidade, com o respectivo surgimento de novos conflitos culturais e sociais, apesar de ter havido, "[...] nos primeiros anos, uma clara insatisfação, entre os mais tradicionais, com o fato de a cidade ter que abrigar pessoas que vinham de fora. Os moradores da 'antiga Planaltina' se viram diante da condição de ter que conviver com o novo" (Saraiva, 2013, p. 9). Para Oliveira (2014), o Setor Tradicional sofreu várias mudanças na sua organização espacial ao longo do tempo, nas relações sociais e, sobretudo, na paisagem, aspectos observados pelos contrastes entre as edificações modernas e as áreas onde estão os principais monumentos e a história da cidade:

- Praça de São Sebastião de Mestre D'armas, na qual há a Igreja São Sebastião e o lote onde ficava o Casarão de Dona Negrinha;
- Praça Coronel Salviano Monteiro, com área de abrangência do Museu Histórico e Artístico, da Casa das Artes, do Casarão Azul, da Casa do Idoso, do Hotel "Casarão" e do Colégio Franciscano Irmã Maria Assunta (atual Colégio COC); e
- Avenidas Goiás, Salvador Coelho e outras vias menores que se entrelaçam para formar o Percurso Turístico e Cultural.

O crescimento urbano do Setor Tradicional ocorreu entre as décadas de 1960 e 1980, em direção à Avenida Independência, como observamos na representação cartográfica anterior. Nas décadas seguintes, novos lotes são construídos no setor, mais especificamente na divisa com o Setor Militar, um dos bairros mais recentes de Planaltina/DF. As Praças Padre Antônio Marcigaglia, Coronel Salviano Monteiro Guimarães e São Sebastião de Mestre D'Armas datam da década de 1950, início da formação do Setor Tradicional e da história da RA do referido município. A partir desse momento, apresentaremos os principais usos, valores e condições estruturais de tais espaços.

A Praça Padre Antônio Marcigaglia, também conhecida como Praça Antônio Marcigaglia ou Praça da Matriz (Foto 1-A), está localizada no início do Percurso Turístico e Cultural de Planaltina, na parte central do Setor Tradicional, situada na Quadra 78, no cruzamento entre as Avenidas Marechal Deodoro e Goiás, na área interna do núcleo urbano, próxima a áreas habitacionais, com abrangência local.

Entretanto, há trabalhos científicos escassos que detalham essa localidade, pelo fato de ela ser citada minimamente ou aparece em estudos e relatórios urbanísticos abrangentes como referência. A praça possui uma igreja católica, denominada de Paróquia São Sebastião (Foto 1-B), construída em 1980 e que recebeu o mesmo nome e o título de "matriz" antes dado à Igrejinha São Sebastião, uma pequena capela localizada na Praça São Sebastião do Mestre D'armas (Gomes, 2018).

Nas laterais da igreja e no entorno da praça, há dois estacionamentos, árvores de pequeno e médio porte, iluminação pública e uma instituição de ensino voltada a cursos de línguas estrangeiras. Por sua vez, nas quadras paralelas, existem hamburguerias, cafés e sorveterias (Fotos 1-C e 1-D).

Foto 1 – Características gerais da Praça Padre Antônio Marcigaglia e seu entorno próximo: (A) área central da praça e poste de iluminação; (B) paróquia São Sebastião; (C) comércio, cursos de línguas estrangeiras e estacionamentos; (D) arborização e limpeza local



Fonte: Ozimo Mendonça Neto (2022).

Essa localidade se destaca pela relevância religiosa e por ser um dos pontos mais altos do Setor Tradicional, com a igreja católica mais frequentada da região, onde são realizadas as principais celebrações de casamentos, batizados e missas. Segundo o Iphan (2012, p. 148), a atual igreja "[...] parece ter a mesma implantação e proporções de uma mais antiga Igreja neogótica, cuja construção foi iniciada em meados da década de [19]30 e nunca foi construída".

Na Foto 2, notamos a paisagem dessa localidade em meados da década de 1950 que, segundo relatos, ruiu na década seguinte, devido às intempéries e ao canal fluvial presente nas proximidades da igreja. Todavia, durante os trabalhos de campo, não foi possível constatar a presença de nenhum curso d'água (Saraiva, 2017).

Foto 2 – Av. Goiás (ao fundo, a antiga Igreja de São Sebastião)



Fonte: Depha (1998).

Em relação a equipamentos urbanos e estruturas físicas na área, notamos a presença de uma parada de ônibus, onde é possível ter acesso às linhas de ônibus 0.504, 066.2, 601.5 e 620.1, que circulam por algumas ruas do Setor Tradicional e interligam as rodoviárias das RAs Sobradinho e Plano-Piloto a Planaltina/DF. Recentemente, tal parada foi revitalizada com as cores do Divino Espírito Santo, na tonalidade predominantemente vermelha, a fortaleza da fé cristã, além de símbolos dessa manifestação, como a pomba acompanhada de suas insígnias (coroa, cetro e salva).

Ainda na Fotos 3-A, consta uma “carrocinha de lanches”, com destaque à seta em funcionamento no período noturno e durante a realização de algumas festividades locais. A praça apresenta uma infraestrutura básica para os frequentadores do local, como bancos distribuídos por quase toda a sua área – alguns em estado de depredação (Fotos 3-B e 3-D) –, coletores de lixo e uma antiga banca de jornais e revista que permanece em desuso (Fotos 3-B e 3-C).

De 2003 a 2004, o poder público realizou a última reforma na Praça da Matriz, o que denota um descaso perante essa relevante localidade para a comunidade local de quase 20 anos sem melhorias (Distrito Federal, 2003), apesar de a prefeitura cuidar da parte estética da praça, sempre colorida e com meios-fios pintados de cal. Outro problema visto durante as visitas de campo é a acessibilidade, em razão dos escassos acessos com rampas – a presença de várias escadas de pequena estrutura dificulta o deslocamento de pessoas com deficiência física, assim como o desnível entre os meios-fios, o que pode causar graves acidentes (Foto 3-D).

Foto 3 – Condições físicas/estruturais e equipamentos urbanos presentes na Praça Padre Antônio Marcigaglia: (A) Parada de ônibus e barraca de lanches em destaque; (B) Antiga banca de jornais e revistas; (C) Lixeiras; (D) Conservação dos bancos e das áreas de entorno



Fonte: Ozimo Mendonça Neto (2022).

A partir de 9 de junho, no período de 10 dias que precede a festividade de Pentecostes, as principais ruas, praças, casas dos foliões e paróquias de Planaltina são marcadas pela fé e celebração da Festa do Divino Espírito Santo[8]. Segundo Silva (2020, p. 17), esse tradicional evento

> [...] acontece no meio urbano e no meio rural. No meio rural ela se chama folia da roça e acontece nas fazendas, ranchos e chácaras, nos arredores de Planaltina - DF. No meio urbano, chama-se folia de rua. A cada ano centenas de devotos, junto aos foliões, seja na roça ou na cidade, celebram o Divino, expressam sua fé, rezam, se emocionam, fazem promessas, pagam promessas, se divertem, inundando o cenário rural (e urbano) com os símbolos e festejos dessa manifestação.

Atualmente, a referida festividade está na 138ª edição em Planaltina/DF. Em meados de 2022, mesmo ainda no período pandêmico ocasionado pela *Coronavirus Disease* (Doença do Novo Coronavírus – COVID-19), o Setor Tradicional, para continuar a tradição,

8 "Em 2013, através do Decreto de n. 34.370, de 17 de maio do mesmo ano, a Festa do Divino Espírito Santo de Planaltina foi registrada no Livro das Celebrações como Patrimônio Cultural Imaterial do Distrito Federal. Esse decreto estabelece e toma providência para o processo de tombamento desse movimento cultural e religioso de grande relevância para comunidade de Planaltina" (FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO, 2022, [n.p.]).

se manteve enfeitado pela cor vermelha das bandeiras expostas em postes, portas de casas e igrejas, além de procissões e cortejos promovidos por devotos fiéis e curiosos locais.

A Praça Coronel Salviano Monteiro Guimarães está localizada na metade do Percurso Turístico e Cultural de Planaltina/DF, na parte central do Setor Tradicional e urbana da RA de Planaltina/DF, entre a Rua 15 de Novembro e a Avenida Salvador Coelho, próximo a áreas de uso exclusivamente institucional público-privada. Estas últimas, inclusive, são voltadas a atividades inerentes às políticas públicas setoriais, que constituem lotes do poder público e habitacionais com abrangência local.

No que tange à caracterização desse subespaço, a praça apresenta letreiros com informações sobre o lugar, uma ágora, vários casarões em estilo colonial – alguns desses apresentam deterioração nas suas fachadas (Foto 4) –, árvores de pequeno e médio porte, vários bancos, um restaurante italiano, uma hamburgueria, um bar e alguns carrinhos de churrasquinho/espetinho.

Foto 4 – Deterioração na fachada de um casarão situado no entorno da Praça Coronel Salviano Monteiro Guimarães



Fonte: Ozimo Mendonça Neto (2022).

Durante os trabalhos de campo realizados em 2022, atentamo-nos à “invasão” de um estabelecimento “privado” no espaço “público”, representado por mesas e cadeiras, o que restringiu a circulação e a presença dos demais frequentadores da pracinha em momentos de aglomeração.

Autores como Camelo (2021) mencionam apenas a relevância de duas praças no Setor Tradicional, em detrimento do uso e valor da Praça Padre Antônio Marcigaglia: a Praça Coronel Salviano Guimarães, marco inicial do Centro Histórico de Planaltina, onde existem a Casa dos Idosos Gabriela Guimarães, o Museu Histórico e Artístico de Planaltina, o Hotel O Casarão, o Colégio Franciscano Irmã Maria Assunta (atual COC),

além de algumas lanchonetes, restaurantes e bares em seu entorno; e a Praça São Sebastião de Mestre d'Armas, que futuramente será apresentada ao leitor.

A toponímia dessa praça está atrelada à vida e às benfeitorias do coronel Salviano Monteiro Guimarães, sobretudo no que concerne ao comércio e ao progresso da região. Ele foi homenageado pela Academia Planaltinense de Letras, Artes e Ciências (APLAC) e ocupa a 19ª cadeira como patrono, cujas glórias se iniciaram em 1893

> [...] Após ser nomeado pelo Presidente Prudente de Moraes para a Guarda Nacional Brasileira, do estado de Goiás, na Comarca da Lagoa Formosa, Salviano Monteiro Guimarães inicia sua carreira militar. Em 1900 chegou a Planaltina e daqui nunca mais saiu. Sete anos depois, com a visão que tinha, trouxe touros indianos para o Centro-Oeste. Também lutou para que a luz elétrica chegasse à cidade. Em 1920 foi a vez do telefone, que ele também fez virar realidade no Planalto Central brasileiro (APLAC, 2019, [n.p.]).

Oliveira (2014, p. 33) enfatiza o valor desse lugar, em tempos passados, "[...] como ponto de manifestações políticas e sociais, o que lhe atribui importância como espaço de sociabilidades e de memória, que nos permite compreender como ocorriam as relações sociais e políticas dos seus moradores". Camelo (2021) coaduna tais pressupostos, no que diz respeito à classificação desse lugar considerado uma praça cívica que, no passado, era utilizada para encontros políticos, lazer, diversão e cultura. Esses últimos, inclusive, representam a parte lúdica de subespaços onde também havia os encontros no final da tarde dos mais velhos para conversar, hoje substituídos pelos jovens planaltinenses.

Ainda de acordo com Camelo (2021, p. 38), a Praça Coronel Salviano Guimarães, também conhecida pelos moradores locais como Pracinha do Museu, "[...] apresenta um contexto de experiências geracionais de comunidade no sentido de que a memória coletiva se concretiza no simbolismo da praça para os habitantes da cidade de Planaltina, que reconhecem a si mesmos na própria evocação da praça".

A relevância do contexto histórico e cultural desses lugares, a manutenção e o resgate das memórias individuais e coletivas estimulam a conservação e preservação dos bens materiais por meio do processo de tombamento, fato que aconteceu com a Praça Coronel Salviano Monteiro Guimarães e seu entorno – esse debate ficará para a próxima seção do presente artigo. A praça dispõe de uma ágora e um palco a céu aberto utilizados, principalmente, em apresentações culturais, festivais e celebrações religiosas. Esse espaço reflete a discussão fundamentada por Souza (2013), para quem a concepção do conteúdo composicional do lugar extrapola a sua forma e é preenchida pelos conteúdos interacional e simbólico.

Diferentemente da praça abordada alhures, essa apresenta maior acessibilidade para circulação de pedestres e pessoas com deficiência motora. Entretanto, sobre a conservação dos meios-fios, existem problemas em sua manutenção, dado que intempéries naturais têm provocado a deterioração deles. Ainda sobre os equipamentos urbanos, a praça dispõe de coletores de lixo em sua área, com destaque ao destaque do círculo vermelho, que também apresenta qualidade na limpeza e conservação dos jardins presentes.

Na sequência da Rua Salvador Coelho há o Casarão Azul, uma das edificações com características pós-modernas que se sobressai pela coloração na tonalidade azul e presença de uma fachada neoclássica revitalizada recentemente (Iphan, 2012). Quando se avança ao sul da via, nos deparamos com a maior das três praças situadas no Percurso Turístico e Cultural de Planaltina/DF: a Praça São Sebastião de Mestre D'Armas, também conhecida como "Pracinha" ou Praça da Igrejinha. Tal nome se justifica pela pequena capela construída no século XIX e tombada no ano de 1982 como Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal (Depha, 1998).

A Praça São Sebastião está localizada ao final do Percurso Turístico e Cultural de Planaltina/DF, na parte Central do Setor Tradicional, conformada pela Avenida Salvador Coelho e pelas Ruas 13 de Maio e Maranhão na parte urbana, com a presença de árvores de vários tamanhos e inserida na área de uso exclusivamente residencial, com destaque à sede do grupo Via Sacra ao Vivo, próxima a uma instituição católica de ensino e que dispõe de uma estátua do astrônomo Louis Ferdinand Cruls instalada recentemente. A praça e sua igrejinha receberam esse nome devido à graça alcançada em promessa a São Sebastião, pois:

> [...] em meados do ano 1810, a população de Mestre D'Armas foi pega por uma doença a qual não sabiam a causa e nem a cura, o que levou o povoado a buscar a fé para obter a cura. Nesse intuito, fizeram uma promessa a São Sebastião, o Santo Padroeiro da cidade, de que doariam um terreno para ser construída uma capela em devoção e agradecimento ao Santo. Com o passar do tempo, a comunidade, mediante sua fé no Santo, é curada e, como pagamento da promessa feita, realiza-se uma celebração solene para entrega das terras para ser construída a capela em honra ao padroeiro. E, assim, a edificação da cidade é feita em torno da capela São Sebastião (Santos, 2020, p. 18).

Assim como Silva (2016) e Santos (2020) corroboram a relevância da edificação da Igreja de São Sebastião e de sua praça para a construção de laços indivíduos e coletivos, Barbosa (2021, p. 162) reafirma tal colocação com a narrativa de que a:

> [...] Igreja São Sebastião como um espaço agregador da comunidade por sediar festividades relacionadas à tradição regional, indicando a existência de uma comunidade de moradores que praticam tradições: as festividades do Divino Espírito Santo, novenas tradicionais, casamentos, batizados, pagamentos de promessas [...].

Por um lado, Oliveira (2014) concorda com tais pensamentos quando menciona a importância da localidade e das edificações que ainda permanecem em seu entorno. Nesse recorte espacial, a Vila de Mestre D'Armas foi idealizada e constituída como marco zero de Planaltina/DF, mas, de acordo com o inventário do Depha (1998, p. 17), ao final do século passado, essa área era "[...] subutilizada e a igreja só 'era' usada para os rituais funerários. Cenas como 'um casal namorando' ou 'crianças brincando' são raramente vistas. Apenas a quadra de esportes nas imediações é bastante utilizada por jovens que residem no entorno".

Por outro lado, recentemente é observado um resgate do uso e da funcionalidade desses espaços. Durante as visitas de campo, constatamos uma frequência maior de eventos, reuniões, comemorações, ensaios, festividades e celebrações culturais e

religiosas promovidas pela comunidade local e pelo poder público. Talvez, elas sejam justificadas como consequências benéficas promovidas pelo cenário pandêmico vivenciado por Planaltina/DF e outras regiões do globo terrestre, que perdura em pequenas proporções até hoje e foi desencadeado pela Covid-19. Segundo Segata (2020, p. 280):

> Em 30 de janeiro de 2020 (complementação minha), o etíope Tedros Adhanom Ghebreyesus, primeiro homem negro a ocupar a posição de diretor-geral da OMS, anunciou a – *Public Health Emergency of International Concern* (PHEIC). No seu discurso, ele acenou para caminhos de cooperação e solidariedade entre as nações. Aquele seria o momento de confiar na capacidade técnica e científica do sistema de saúde chinês; de partilhar conhecimentos e experiências sobre o vírus, a doença e a vacina de forma aberta; de combater a disseminação de rumores e desinformação; e de evitar a restrição de circulação de pessoas e mercadorias em escala internacional.

Mesmo com as medidas restritivas para a circulação de pessoas, lugares como a praça de São Sebastião começaram a ser procurados, uma vez que se trata de um ambiente aberto e por haver medidas mais flexíveis e decretadas pelo governo do DF. Há vários usos e valores de tal subespaço no passado e que continuam com a estimulação na sociedade planaltinense, em que se evidencia seu valor histórico, morfológico, paisagístico, simbólico, patrimonial e turístico – esse último, inclusive, tem sido estimulado frequentemente pelo poder público local e distrital.

Conforme Oliveira (2014, p. 32), essa não era a mesma realidade na década passada, dado que "[...] a presença de visitantes é pequena, não existe na Praça um centro de apoio aos turistas, o que demonstra que apesar de algumas iniciativas do governo do Distrito Federal, ainda precisam ser feitos muitos benefícios [...]". Entretanto, nos dias atuais, algumas reivindicações foram acatadas, como a instalação do Centro de Atendimento ao Turista (CAT) a poucos metros da praça, com funcionamento das 9h às 12h e das 14h às 18h, de quarta a domingo, no Museu Histórico e Artístico de Planaltina/DF.

PARA NÃO CONCLUIR

Diversos usos apresentados anteriormente estão relacionados à magnitude da praça analisada no presente trabalho, à sua importante história de formação, à infraestrutura e aos equipamentos públicos disponíveis, como a quadra de esporte, que reúne vários jovens e adultos; o Ponto de Encontro Comunitário (PEC), destinado à prática de atividades físicas; um parquinho infantil revitalizado recentemente; e um teatro de arena criado em 1987, com pinturas dos principais patrimônios e paisagens dessa RA.

O aumento frequente na quantidade de pessoas nesses espaços tem desencadeado alguns problemas pontuais, como a vandalização das placas informativas, da infraestrutura básica e até mesmo do patrimônio material tombado, ou seja, a Igreja de São Sebastião. Mesmo com a ronda e a presença da polícia militar, casos como esses são corriqueiros e assuntam os frequentadores locais e possíveis turistas.

Essas reflexões não se esgotam aqui, por haver a possibilidade de outras abordagens referentes ao Setor Tradicional, como o Museu Histórico e Artístico que, no passado, funcionava como residência de Afonso Coelho Silva Campos e sua família. Os conteúdos expostos neste artigo representam algumas possibilidades de investigações futuras, com maior aprofundamento dos valores culturais ao longo do percurso turístico e integração dos sujeitos nas mídias sociais com o lugar.

Sendo assim, outra questão a ser analisada na região é o mau estado de conservação de seus edifícios históricos, sobretudo em outros trabalhos associados à geografia urbana, geografia do turismo e áreas congêneres. Enfim, este trabalho mostra que a interação da sociedade com o espaço geográfico provoca transformações significativas na paisagem, e algumas delas são permanentes.

REFERÊNCIAS

APLAC. Academia Planaltinense de Letras, Artes e Ciências. *Patronos*: Cel. Salviano Monteiro Guimarães. Planaltina, 2019. Disponível em: http://aplacdf.com.br/1035-2/. Acesso em: 11 abr. 2022.

BARBOSA, D. P. *O patrimônio de Brasília além do Plano Piloto*: uma análise de dossiês de tombamento, 1959-2014. 2021. 383 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Curso de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

CAMELO, Y. M. *Intervenção urbanística e possibilidade de participação popular*: análise do caso da Praça Histórica Coronel Salviano Guimarães em Planaltina – DF. 2021. 141f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/prefix/15319/1/01.pdf. Acesso em: 28 fev. 2023.

CASTRO, K. B. de.; LIMA, L. A. de S. (org.). *Atlas do Distrito Federal*. Brasília: Codeplan, 2020.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. *Revista Portuguesa de Educação*, Braga, v. 16, n. 2. p. 221-236, 2003. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/374/37416210.pdf. Acesso em: 28 fev. 2023.

CODEPLAN. Companhia de Planejamento do Distrito Federal. *PDAD 2021*: Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios. Planaltina, 2022. Disponível em: https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2022/05/Planaltina.pdf. Acesso em: 20 jul. 2022.

CODEPLAN. Companhia de Planejamento do Distrito Federal. *Projeções populacionais para as Regiões Administrativas do Distrito Federal 2020-2030* – Resultados. Distrito Federal, 2022. Disponível em: http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2021/12/Estudo-Projecoes-populacionais-para-as-Regioes-Administrativas-do-Distrito-Federal-2020-2030-Resultados.pdf. Acesso em: 20 jul. 2022.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. *In:* CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p. 92-123.

COSTA, E. B. da; STEINKE, V. A. Cidades históricas do Estado de Goiás, Brasil: uma agenda de pesquisa. *Ateliê Geográfico*, Goiânia, v. 7, n. 2, p. 164-195, 2013. Disponível em: https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/18518. Acesso em: 28 fev. 2023.

DEPHA. Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal*. Ruas de Planaltina:* inventário do Patrimônio Cultural de Planaltina. Brasília: Departamento Histórico e Artístico do DF, 1998.

DISTRITO FEDERAL. Emenda à Lei Orgânica n. 118, de 24 de maio de 2020. Dá nova redação ao art. 150, § 16, I, da Lei Orgânica do Distrito Federal. *Diário Oficial do Distrito Federal*, Brasília, 25 maio 2020. Disponível em: https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/1269311b61df4285a539a6bce3130f79/ELO_118_2020.html. Acesso em: 1º mar. 2023.

DISTRITO FEDERAL. Lei Orgânica. *Diário Oficial do Distrito Federal*, Brasília, 9 jun. 1993. Disponível em: https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/66634/Lei_Org_nica__08_06_1993.html#:~:text=Ningu%C3%A9m%20ser%C3%A1%20discriminado%20ou%20prejudicado,nem%20por%20qualquer%20particularidade%20ou. Acesso em: 28 fev. 2023.

DISTRITO FEDERAL. *Projeto de Lei Complementar*. Aprova o Plano Diretor Local da Região Administrativa de Planaltina/RA-VI, conforme o disposto no art. 316 da Lei Orgânica do Distrito Federal. Brasília, 2017. Disponível em: http://www.seduh.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2017/09/planaltina_projetodelei_versao_conplan_camara.pdf. Acesso em: 10 jan. 2022.

ELEUTÉRIO, R. *Na rota das nascentes*: a história da região do DF. Brasília: Instituto Cerratense, 2013.

FERNANDES, R. S.; SOUZA, V. J. de; PELISSARI, V. B.; FERNANDES, S. T. Uso da percepção ambiental como instrumento de gestão em aplicações ligadas às áreas educacional, social e ambiental. Rede Brasileira de Centros de Educação Ambiental. *Rede CEAS*, São Paulo, [s.n.], p. 1-15, 2009. Disponível em: http://www.redeceas.esalq.usp.br/noticias/Percepcao_Ambiental.pdf. Acesso em: 20 out. 2020.

FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO. *Encontro das bandeiras*. Planaltina, 16 jun. 2022. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Ce3nazpLIMi/?igshid=MDJmNzVkMjY=. Acesso em: 15 jul. 2022.

GOMES, I. F. de O. *Planaltina, DF*: uma história de turismo perdida no tempo. 2018. 100 f. Monografia (Graduação em Turismo) – Curso de Graduação em Turismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: https://bdm.unb.br/handle/10483/21796. Acesso em: 28 fev. 2023.

HARVEY, D. *Espaços de esperanças*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Inventário do Setor Tradicional de Planaltina*. Brasília: Superintendência do IPHAN no Distrito Federal, 2012. Disponível em: https://issuu.com/abacoarq/docs/planaltina-inventario. Acesso em: 28 fev. 2023.

MASSEY, D. *Pelo espaço*: uma nova política da espacialidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

OLIVEIRA, E. G. de. *Patrimônio histórico e cultural de Planaltina (DF)*: memória e identidade social. 2014. 99 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e da Terra) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2014. Disponível em: http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/3324. Acesso em: 28 fev. 2023.

RAMIRES, J. C. de L.; PESSÔA, V. L. S. Pesquisas qualitativas: referências para a pesquisa em geografia. *In:* MARAFON, G. J.; RAMIRES, J. C. de L.; RIBEIRO, M. A.; PESSÔA, V. L. S. (org.). *Pesquisa qualitativa em geografia*: reflexões teórico-conceituais e aplicadas. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p. 23-35.

SANTOS, J. C. V. *A criação do Reservatório de Miranda e a (re)configuração das paisagens do Médio Vale do Rio Araguari – MG*. 2004. 177 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia (MG), 2004 (mimeo).

SANTOS, J. C. V.; CLEMENTE, R. D. B. Um caminho urbano, suas edificações e comércios no interior de Goiás: a tradicional rua Rio Preto. *Revista Percurso – NEMO*, Maringá, v. 9, n. 1, p. 41- 68, 2017. Disponível em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Percurso/search/authors/view?givenName=Renata%20Dias%20Borges&familyName=Clemente&affiliation=Universidade%20Estadual%20de%20Goi%C3%A1s%20-%20UEG%20C%C3%A2mpus%20Quirin%-C3%B3polis.&country=BR&authorName=Clemente%2C%20Renata%20Dias%20Borges. Acesso em: 28 fev. 2023.

SANTOS, J. C. V. *Vidas oleiras*: uma viagem pela tradição e arte. São Paulo: All Print, 2021.

SANTOS, M. R. S.; SANTOS, J. C. V. Lugares de devoção à Santa Abadia no interior de Goiás: a igreja da padroeira, a praça, os residentes e visitantes. *Geografia, Ensino & Pesquisa*, v. 20, n. 3, p. 32-42, 2016. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/19935. Acesso em: 28 fev. 2023.

SANTOS, S. I. de L.; SOUZA JÚNIOR, X. S. de S. Relação entre violência urbana e práticas sociais em espaços públicos a partir da análise do discurso: o exemplo da cidade de Campina

Grande/PB. *In:* MARAFON, G. J.; RAMIRES, J. C. de L.; RIBEIRO, M. A.; PESSÔA, V. L. S. (org.). *Pesquisa qualitativa em geografia*: reflexões teórico-conceituais e aplicadas. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p. 361-378.

SANTOS, B. R. O. *Turismo e ativação popular do Patrimônio-Territorial no Centro Histórico de Planaltina – DF*. 2020. 52 f. Monografia (Graduação em Turismo) – Curso de Graduação em Turismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: https://bdm.unb.br/handle/10483/27025. Acesso em: 28 fev. 2023.

SARAIVA, R. C. F. *Território, patrimônio e identidade cultural na economia criativa em Planaltina – DF*. Brasília: CNPq; MinC; SEC, 2013 (Relatório Final, 80). Disponível em: http://cerratense.com.br/arquivospdf/Regina%20Texto.pdf. Acesso em: 28 fev. 2023.

SARAIVA, R. C. F. Tradição e modernidade em Planaltina. *Blog Cerratense*, Planaltina, 2017. Disponível em: http://cerratense.com.br/ecotradicaoregina.html. Acesso em: 15 abr. 2022.

SEGATA, J. Covid-19, biossegurança e antropologia. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 26, n. 57, p. 275-313, maio/ago. 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ha/a/ycJMLJqQMrMZZMqPSrw9Yqg. Acesso em: 28 fev. 2023.

SILVA, E. M. da. *De Mestre D'Armas a Planaltina*: reflexão histórico-crítica sobre a fundação da cidade. Brasília, 2016. Disponível em: http://cerratense.com.br/fotosdocumento/arquivopdf3/ARTIGO_De%20Mestre%20d%C2%B4Armas%20a%20Planaltina%20-%20reflex%C3%A3o%20hist%C3%B3rico-cr%C3%ADtica%20(1).pdf. Acesso em: 10 dez. 2021.

SILVA, G. L. da. *A sonoridade da Folia do Divino em Planaltina – DF*: a música no contexto da Folia da Roça. 2020. 186 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: https://repositorio.unb.br/handle/10482/40585. Acesso em: 28 fev. 2023.

SOUZA, M. L. de. *Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SOBRE OS AUTORES

OZIMO MENDONÇA NETO – Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA (2008-2013). Mobilidade Acadêmica em Geografia Bacharelado - Universidade de Brasília - UnB (2012-2013) por meio do Programa de Bolsas ANDIFES/ SANTANDER. Especialista em Geografia e Análise Ambiental pela Universidade Estadual de Goiás - UEG (2017-2018). Mestre em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás - UEG (2023). Entre 2015 e 2016 foi bolsista pela Fundação Universitária José Bonifácio - FUJB (Cooperação técnica-científica UFRJ e Censipam - Diagnóstico Intrainstitucional), com lotação no CCG-Brasília (Censipam). Prestou serviços de consultoria ambiental e administrativa para empresa AMS Kepler Engenharia de Sistemas Ltda (2016). Atualmente é Professor Temporário de Geografia na Secretária de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF. Com atuação em Planejamento e Gestão de Bacias Hidrográficas, Patrimônio Cultural, Cartografia Social, Inclusão digital e vulnerabilidade socioambiental na Amazônia Legal.

E-mail: ozimogeo@hotmail.com

JEAN CARLOS VIEIRA SANTOS – Pós-doutorado em Turismo pela Faculdade de Economia da Universidade do Algarve/Portugal; Doutor pelo Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia; Estágio Doutorado PDEE/Capes na Universidade do Algarve / Portugal; Mestre pelo Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia; Especialista em Geografia pela Faculdade de Educação São Luiz/SP; e Graduado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. É membro da Associação de Defesa do Patrimônio Cultural e Ambiental do Algarve em Portugal (ALMARGEM). Atualmente, é Professor e Pesquisador em Regime de Tempo Integral de Dedicação à Docência e à Pesquisa na Universidade Estadual de Goiás - UEG, no Programa de Mestrado Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (PPG-TECCER/Anápolis), Programa de Mestrado em Geografia (PPGEO-Cora Coralina) e nos cursos de graduação e tecnologia da UEG Caldas Novas. Coordena (e coordenou) atividades e trabalhos financiados por órgãos de fomento à pesquisa: FAPEG, CAPES/PROAP, PROBIP/PrP-UEG (Bolsa de Incentivo ao Pesquisador). Participa da Rede ENTREMEIO- Rede de Pesquisa Geografia, Turismo e Literatura - que reúne professores e pesquisadores de diferentes instituições do Brasil e Estrangeiro. Desde de 2020 tem colaborado voluntariamente com o Jornal Mundo Lusíada da comunidade luso-brasileira de São Bernardo do Campo - São Paulo. Conta com artigos disponibilizados em periódicos eletrônicos e anais de Congressos realizados no Brasil e exterior. Possui experiência na área, com ênfase nos seguintes temas: Abordagens sobre a Geografia do Turismo; Estudos Interdisciplinares do Turismo; A viagem sob as óticas da geografia e dos estudos interdisciplinares; Destinos Turísticos do Cerrado; Povos Oleiros do Cerrado; Cultura Lusitana (Música Fado, Gatronomia e Destinos Literários).

E-mail: jean.vieira@ueg.br